

BILHETE

Zico —

Aqui não há quase nada, tirante o calor. Além do pessoal que vai para Petrópolis ou Cabo Frio, tem ido muita gente a S. Paulo. A notícia que os amigos trazem de lá é que o sr. Ademar de Barros está cada vez mais forte. Não é de admirar, em vista das indecisões e fraquezas do sr. Garcez e da estúpida tolice do sr. Jânio Quadros em ouvir os cantos roufenhos da velha sereia do Catete.

Cuja sereia completou três anos de governança; três anos que só não foram chatos e medíocres em matéria de escândalos; estes, na verdade, foram gordos e vivos. Todos os ladrões estão passando muito bem, obrigado; andam cheios de dinheiro e de empáfia.

Outro dia vi um dêles; ia tão nédio, e risonho, e bem, e dava uma tal impressão de importância e de segurança que eu, Zico, eu, esta pomba rôla que você conhece me surpreendi a pensar, com delícia, em como êle ficaria lindo pendurado a um poste, como nos bons tempos da Revolução Francesa. Ah, havia postes, naquele tempo! Havia postes e havia povo.

Falou-se em uma passeata da sede; o povo deixaria suas casas e sairia à rua para exigir da Prefeitura água — a mais primária das reivindicações, tão primária que até os comunistas, que andaram reclamando "pão, terra e liberdade" nunca se lembraram de pedir água em país algum, pois nunca ninguém imaginou que pudesse haver nada parecido, no regime burguês, no feudal ou em qualquer outro, passado ou futuro, a êsse monstro de desorganização e corrupção que é a Prefeitura do Distrito Federal.

A passeata não houve. O povo deixou-se ficar em suas casas olhando na parede o retrato do velhinho. A Polícia, entretanto, anunciara algo de terrível e pirandelliano: caso o povo gritasse pela água, nas ruas, êle seria dissolvido a jatos de água. A Polícia mandou fazer um carro a que chamam "Brucutu", que leva não sei quantos milhares de litros de água e pode dissolver manifestações com ela. Antes água, do que fogo, dirá você, que aqui viveu nos bons tempos de Felinto Muller, Pereira Lira e outros que tais. Mas não gosto de ironias, e muito menos ironias policiais. Pergunto em todo caso ao general Ancera: já que não há passeata da sede e continua a haver sede, por que deixar o Brucutu imóvel? Êle poderia ir enchendo as caixas das famílias assoladas, principalmente as famílias mais pobres que não têm 300 cruzeiros para dar aos homens dos carros-tanques da Prefeitura. Bote o Brucutu na rua, general. O senhor não disse que policíar é mais prevenir do que punir? Há alguma coisa melhor para prevenir uma passeata de sede do que a distribuição de água?

Tenho outras idéias sensatas, meu Zico, mas não vou dá-las tôdas de presente ao governo. Tenho medo de que o sr. Vargas me chame para conversar, me dê um instituto qualquer para dirigir, e olhe o Braga desmoralizado. Vamos poupar esta reserva moral da nacionalidade, que (a reserva) lhe manda um grande abraço, pleno de saudades.

R. B.

2/2/54